

## VAGÃO BRECADO

**\* Roberto Rodrigues**

A ABAG – Associação Brasileira de Agribussines realizou mais um extraordinário congresso, o oitavo de sua história, nos dias 10 e 11 de agosto passado, em São Paulo. Desta vez o tema, bastante instigante, foi: Agronegócio é Sustentabilidade, uma afirmação, mais do que uma hipótese.

Com efeito, em dois dias de palestras e debates reunindo a nata da nossa liderança institucional, inclusive uma expressiva representação de Deputados Federais e Senadores comprometidos com o agronegócio, discutiram-se à exaustão os cenários da inserção internacional do setor, com ênfase para o tema da sustentabilidade, aí incluídas suas 3 vertentes: a econômica, a social e a ambiental.

Também compareceram Ministros e ex-Ministros de Estado, presidentes e representantes de entidades não agrícolas (como a CNI e a FEBRABAN), gente da academia, do setor de comunicação e empresários de sucesso, além do governador do Mato Grosso, também grande produtor rural.

O amplo temário – que ainda considerou a delicada questão da insegurança jurídica no país – foi, como não poderia deixar de ser, muito influenciada pela rodada da COP15 (Conferência das Partes) que será realizada em Copenhague no próximo mês de dezembro, com o objetivo de definir os níveis de emissão de gases de efeito estufa para o futuro.

O Brasil e seu agronegócio têm um importante papel neste evento.

Mas é preciso um esforço muito grande, e concentrado, porque dezembro já está aí, para não perdermos esta oportunidade.

Sem dúvida o Brasil terá tudo a ver com a chamada “economia verde” que virá no pós-crise financeira, termo este cunhado pelo primeiro ministro britânico Gordon Brown, logo secundado pelo novo governo americano e em seguida pelo G8. Com isso, os líderes mundiais querem dizer que a sustentabilidade regerá as políticas econômicas do futuro imediato.

Nós temos o biocombustível, um modelo que o mundo admira. Em nossa matriz energética, 46% é energia renovável, enquanto no mundo todo é apenas 12%, e entre os países ricos da OCDE não chega a 7%. Além disso, na cadeia da cana-de-açúcar (do plantio ao carro a álcool), a emissão de CO<sub>2</sub> é apenas 11% da emissão da gasolina. Só isso nos dá uma vantagem comparativa extraordinária. Mas, além disso, temos a Amazônia, o Pantanal, tecnologias preservacionistas, pecuária a pasto, território vasto e tropical, enfim, condições incomparáveis.

Mas precisamos fazer a lição de casa. Em primeiro lugar, a sociedade brasileira precisa ter seu plano para Copenhague. E ainda não temos. Dezenas de instituições sérias e comprometidas com o futuro melhor estão estudando o assunto, mas não existe uma coordenação. Que faremos com o Código Florestal? Com o Código Ambiental? Com a rastreabilidade e as certificações? São temas essenciais para levarmos a Copenhague bem analisados e com projetos concretos. Por outro lado, também o governo está dividido, com os diferentes ministérios defendendo distintas posições. Para termos sucesso, será

necessário um enorme trabalho de articulação privado e público, e depois entre ambos.

Todavia, é possível que nem todos os países cumpram as decisões tomadas na Dinamarca, porque não há nenhuma punição para quem não cumpri-las.

O Brasil precisará dar o exemplo. Se queremos liderar – como temos capacidade e condições – a economia verde, precisamos ter propostas e projetos consistentes, e assumidos com o compromisso de todos os brasileiros.

E, nem isso bastará. Será também muito importante comunicar bem estas ações. Temos uma grande incompetência para marquetear o que fazemos bem-feito. Claro que, antes de tudo, é preciso fazer o bem-feito, escoimando nossos defeitos com rapidez e atitudes objetivas.

Mas, feito isso, temos que tocar o bumbo de nossas realizações. Nossos concorrentes vivem desmerecendo nossos produtos agrícolas por causa de nossos erros. Minorias perniciosas cometem deslizos trabalhistas e ambientais, dando ao adversário o argumento para generalizar. É preciso assumir que não aceitamos os erros destas minorias. O exemplo da Moratória da Soja é emblemático: as empresas de óleo não comprem soja plantada em áreas da Amazônia que foram desmatadas ilegalmente: este é hoje um fato respeitado mundo afora. Temos que mostrar que a imensa maioria cumpre as regras de sustentabilidade.

Não dá para ficar a reboque dos outros, recebendo críticas por nossos erros históricos, tipo desmatamento desregrado. Feita a lição de casa, vamos liderar, mostrando que estamos na frente de outros países. O Brasil precisa ser a locomotiva do trem da História. Chega de ser vagão brecado!

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**